
A MEMÓRIA EM *FUGITIVE PIECES*, DE ANNE MICHAELS

Memory in *Fugitive Pieces* by Anne Michaels

Ester Suassuna Simões¹

RESUMO: A memória parece ser o tema central de *Fugitive Pieces*, primeiro romance da escritora canadense Anne Michaels, publicado em 1996. Seus dois narradores – Jakob Beer e Ben – são judeus que sofreram de maneiras diferentes as graves consequências da guerra. Jakob sobrevive à tomada de sua vila por soldados nazistas e é resgatado pelo arqueólogo grego Athos, enquanto Ben é filho de dois sobreviventes de campos de concentração. Neste trabalho, analisa-se esse romance a partir da associação do tema da memória com três eixos principais: individualidade e memória coletiva; linguagem, tempo e espaço; esquecimento, trauma e pós-memória. Para tanto, nos valem principalmente do que foi postulado por autores como Halbwachs, Assman, Nora e Hirsch.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Literatura; Trauma; Anne Michaels.

ABSTRACT: Memory seems to be the central theme of *Fugitive Pieces*, the first novel by the Canadian author Anne Michaels, published in 1996. Its two narrators - Jakob Beer and Ben - are Jews who have suffered in different ways from the grave consequences of the war. Jakob survives the takeover of his village by Nazi soldiers and is rescued by Athos, a Greek archaeologist, while Ben is the son of two concentration camp survivors. In this work, this novel is analyzed in its connection to the memory theme from three main axes: individuality and collective memory; Language, time and space; Forgetfulness, trauma and post-memory. To do so, we use what was postulated by important authors such as Halbwachs, Assman, Nora and Hirsch.

KEYWORDS: Memory; Literature; Trauma; Anne Michaels.

INTRODUÇÃO

Reverendo a produção artística da geração pós-guerra, que a partir dos anos 70 começa a se direcionar para a memória, Aleida Assmann (2011, p. 385) nota que “ela reflete a situação fundamentalmente precária da memória na era da cultura de massas, com suas técnicas eletrônicas de armazenamento e circulação. É como se a memória, sem ter mais forma cultural nem função social, tivesse se refugiado na arte”.

¹ Mestra em Teoria da Literatura, PPGL UFPE, Recife, CAPES; Doutoranda em Ciência da Literatura, PPGL UFRJ, Rio de Janeiro, CAPES

O tema da memória é o fio condutor da narrativa do primeiro romance da canadense Anne Michaels, *Fugitive Pieces* (1996), que parece ser um desses refúgios de que fala Assmann (2011). Michaels, que até então havia se dedicado exclusivamente à poesia, entrega a voz do texto a dois narradores: Jakob Beer, judeu que, quando criança, sobrevive à tomada de sua vila por soldados nazistas e é resgatado por Athos, um arqueólogo grego, que o leva consigo para seu país; e Ben, também judeu, filho de dois sobreviventes de campos de concentração, que mora no Canadá, país para onde Athos e Jakob migram depois da guerra.

A associação com o tema da memória no romance começa desde o prólogo, que anuncia a morte do primeiro narrador, Jakob Beer, em um acidente de carro. Sabe-se, portanto, antes mesmo de se adentrar na narrativa, que ali se trata de um resgate da memória de um falecido. Sugere-se que alguém recolheu aqueles textos e, publicando-os, contribuiu para a perpetuação daquele testemunho. Aliás, as fronteiras entre relato, ficção e testemunho também são discutíveis: Michaels apresenta seu texto como ficcional, mas o apara em pesquisa histórica e documental, deixando uma possibilidade de interpretação próxima da realidade. O

O presente trabalho faz uma reflexão sobre *Fugitive Pieces*, propondo a associação do tema da memória com três eixos principais, a saber: individualidade e memória coletiva; linguagem, tempo e espaço; esquecimento, trauma e pós-memória. Objetivamos apontar possíveis caminhos de análise a partir do que há de teoria sobre o assunto, apontando caminhos que poderiam facilmente ser aprofundados em análises e reflexões posteriores. Para tanto, nos valem principalmente do que foi postulado por autores como Halbwachs, Assman, Nora e Hirsch.

INDIVIDUALIDADE E MEMÓRIA COLETIVA

Maurice Halbwachs recusa a possibilidade de uma memória completamente individual, afirmando que, na verdade, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 35). Em diversas passagens do texto de Anne Michaels, vemos essa coletividade da memória ser fortemente associada à identidade das pessoas que formam as comunidades (a comunidade judaica, por exemplo, ou a dos habitantes da ilha de Zakynthos, onde mora Athos).

É o próprio Halbwachs que cunha o termo memória coletiva. Diz ele:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.30).

Esta presença de outras pessoas, que é imaterial e inesgotável, acompanha o personagem Jakob por toda a sua trajetória. É como se sua família permanecesse a seu lado o tempo inteiro, especialmente sua irmã, que desapareceu no dia do assassinato dos pais e de quem nunca mais teve notícias. Esta situação peculiar rege as relações que Jakob vivencia, e, talvez mais do que outros em situações diferentes, ele sinta esta quantidade de pessoas a que Halbwachs se refere no trecho transcrito. Para Jakob, mais do que soma e companhia, a presença constante de sua família reflete o drama da experiência traumática, que não se torna nunca passado, sendo para sempre um presente que se repete e é doloroso.

O personagem Athos reconhece o valor dessa memória coletiva e faz dois movimentos em relação a isso: luta para que Jakob não perca sua identidade judaica ao mesmo tempo em que, através de histórias e rituais, integra-o à memória de sua própria família, garantindo, assim, para o menino Jakob, o pertencimento a um grupo e o compartilhamento da memória a ele associada, parte essencial da existência humana. Assim, diz Jakob: “Se eu fosse forte o bastante para aceitá-la, estavam me oferecendo uma segunda história.”² (MICHAELS, 2009, posição 271, tradução nossa).

Sim, porque aceitar-se parte de outra comunidade, para Jakob, exige força. A marcante presença de sua família de que falávamos anteriormente seria uma das resistências, uma força contrária à sua integração completa à história que Athos oferecia. Podemos associar este sentimento vivenciado por Jakob ao que diz Anh Hua (2005, p. 195, tradução nossa) sobre os sujeitos que vivem uma diáspora: “eles reconhecem uma existência anterior em outro lugar e tem uma relação crítica com a política cultural de sua casa atual - tudo incorporado à experiência de deslocamento.”³

Deslocamento que, em uma situação de guerra, é realidade para todos. Na Grécia ocupada pelos nazistas, Athos e Jakob tem uma vida restrita a

² “If I was strong enough to accept it, I was being offered a second history.”

³ “they acknowledge an earlier existence elsewhere and have a critical relationship with the cultural politics of their present home – all embedded with the experience of displacement.”

seu apartamento e recebem notícias através dos poucos amigos em que podem confiar. Um deles, Ioannis, é casado com uma judia e, em uma de suas visitas, relata a fuga em massa ocorrida certa noite no gueto em que os judeus da cidade haviam sido confinados. A notícia de uma invasão dos nazistas prevista para a manhã seguinte fez com que as famílias se retirassem às pressas, não tendo tempo de planejar com cuidado para onde iriam, e muito menos de levar todos os seus pertences. Para proteger o que lhes pertencia, e na esperança de conseguir voltar àquele lugar, muitos enterraram no chão o que consideravam de maior valor. Sobre esse momento, diz Jakob:

Mesmo que os homens e mulheres que colocam esses objetos de valor no chão nunca o tenham feito antes, eles passam por movimentos de séculos de prática guiando suas mãos, um ritual tão familiar quanto o Sabbath. Até a criança que corre para buscar seu brinquedo favorito, o cachorro com as rodinhas de madeira, para colocá-lo no buraco do chão da cozinha, parece agir com conhecimento.⁴(MICHAELS, 2009, posição 506, tradução nossa).

É de memória coletiva que se trata aqui. Da memória de um povo que já sofreu com uma diáspora e que faz deste procedimento de saída forçada a chave para a permanência dos valores e da memória que o definem. Mesmo que aquelas pessoas não tivessem ainda experimentado a fragmentação do deslocamento forçado, compartilhavam deste sentimento.

Sobre esse intercâmbio de vivências, diz a autora: “a cultura diaspórica envolve intercâmbio transnacional socioeconômico, político e cultural entre as populações separadas da diáspora”⁵ (ANH HUA, 2005, p. 193, tradução nossa). Ninguém explicou àquela criança que corre para pegar seu brinquedo e guardá-lo o que fazer, mas ele o faz com o conhecimento que só a memória coletiva e o convívio social naquele grupo poderiam ter passado.

Ainda neste sentido, mas em outra passagem, Jakob narra: “Em seus esconderijos apertados, mães e pais contam aos seus filhos o que podem, uma mala organizada às pressas de histórias familiares, os nomes dos

⁴ While the men and women who place these valuables in the ground have never done so before, they go through the motions with centuries of practice guiding their hands, a ritual as familiar as the Sabbath. Even the child who runs to bring his favourite toy, the dog with the little wooden wheels, in order to place it in the hold in the kitchen floor, seems to act with knowledge.

⁵ Diasporic culture involves socioeconomic, political, and cultural transnational exchange between the separated populations of the diaspora.

parentes. Pais dão aos filhos de cinco anos de idade conselhos para a vida de casado”⁶ (MICHAELS, 2009, posição 512, tradução nossa). Pierre Nora (1993, p.7) defende que “se fala tanto de memória porque ela não existe mais”. Segundo ele, a massificação midiática e outros fenômenos da contemporaneidade são responsáveis pelo apagamento de todos os meios de memória. Restam, agora, somente os locais de memória, que são lugares nos três sentidos da palavra – material, simbólico e funcional – simultaneamente. Esses locais estão sempre investidos em uma aura simbólica de resgate de uma memória que, diferentemente daquela investida nos meios, já não existe mais como vivência e termina sendo compartilhada artificialmente por um grupo que desconhece sua origem e seu uso (NORA, 1993, p. 21).

Para os personagens do romance, a passagem de conhecimento entre as gerações (o pai que fala ao filho sobre o casamento, a mãe que ensina receitas às filhas) poderia ter acontecido de maneira natural e através do convívio e da observação. A fuga e a perseguição, no entanto, impedem isso e tudo teve de ser feito às pressas, transformando, deve-se dizer violentamente, meios de memória em locais de memória. “Os locais de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso criar aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13). É como se, diante da inevitável e prematura interrupção da vivência de comunidade, as pessoas corresse para que ao menos os lugares de memória fossem preservados.

Outro trecho do romance lembra que é da tradição hebraica referir-se aos antepassados como “nós”, e não “eles”, reforçando a noção de que os que vieram antes e os que os sucedem são todos um, a memória do grupo e a memória do indivíduo são compartilhadas e vistas como uma só. Na cerimônia do recebimento da Torá também se usa o “nós”, para considerar todas as almas unidas e presentes naquele espaço. O narrador Jakob explica que “Isso incentiva a empatia e também uma responsabilidade para com o passado, mas, mais importante, colapsa o tempo. O Judeu está sempre deixando o Egito.” (MICHAELS, 2009, posição 1890, tradução nossa).⁷ O passado e o presente, os indivíduos e o grupo se mesclam, portanto, na realidade e na narrativa de *Fugitive Pieces*.

⁶ In their cramped hiding places, parents tell their children what they can, a hurriedly packed suitcase of family stories, the names of relatives. Fathers give their five-year-old sons advice for married life.

⁷ this encourages empathy and also a responsibility to the past but, more important, it collapses time. The Jew is forever leaving Egypt.

Outro fator marcante para os personagens deste romance é a língua. Ao ser resgatado para a Grécia, Jakob teve que aprender duas línguas estrangeiras, o inglês e o grego. Mas Athos vê a manutenção do domínio da língua ídiche como essencial para o menino. “Athos não queria que eu esquecesse. Ele me fazia revisar o meu alfabeto hebraico. Ele dizia a mesma coisa todo dia: É do seu futuro que você está se lembrando.” (MICHAELS, 2009, posição 285, tradução nossa).⁸ Línguas diferentes representam também maneiras diferentes de ver o mundo. Categorizações, ênfases, elipses, todas as “escolhas” feitas por uma língua moldam nossas relações de alguma maneira. O ídiche era, portanto, elemento importante no compartilhamento da memória coletiva de que falávamos no tópico anterior. Nesse sentido, Jakob diz: “Quando eu comecei a escrever os eventos da minha infância em uma língua estrangeira a seu acontecimento, foi uma revelação. O inglês podia me proteger; um alfabeto sem memória.” (MICHAELS, 2009, posição 1228, tradução nossa).⁹ A escolha da língua também é um movimento associado à memória. O afastamento necessário para o sucesso de um testemunho, do qual trataremos com mais detalhe no próximo tópico, é garantido pela expressão em uma língua diferente daquela na qual os acontecimentos foram vividos.

De certa maneira, falar outro idioma fragmenta o sujeito, deslocando-o de seu *locus* cultural. Este deslocamento, como dissemos acima, é essencial no contexto do testemunho, ajuda a aliviar o peso que cada palavra pode representar, mas, ao mesmo tempo, é também conflitante para Jakob. Como sujeito diaspórico que é, ele perpassa as outras culturas com as quais teve contato, trava relações humanas (um primeiro casamento, inclusive), mas sem de fato senti-las, sem tocá-las de maneira profunda. O trauma da guerra cria barreiras inclusive linguísticas.

Ainda neste tema, Aleida Assmann afirma que “a língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural.” (ASSMAN, 2011, p. 168). Em muitos trechos do romance, faz-se menção a relatos de experiências, história de guerra e compartilhamento de memória. Athos e Jakob ouviam atentamente os relatos dos vizinhos. Em certa passagem, Jakob narra: “Quando ele voltou,

⁸Athos didn't want me to forget. He made me review my Hebrew alphabet. He said the same thing every day: it is your future you are remembering.

⁹ When I began to write down the events of my childhood in a language foreign to their happening, it was a revelation. English could protect me; an alphabet without memory.

Athos foi para sua escrivaninha e escreveu o que Ioannis nos havia contado.” (MICHAELS, 2009, posição 555, tradução nossa).¹⁰ Mais uma vez, Athos demonstrava o cuidado com a conservação da memória, aqui através da linguagem, como sugere Assmann no trecho anteriormente citado.

A linguagem também é tratada na narrativa como ferramenta de redenção, de superação: “Eu já conhecia o poder da linguagem para destruir, para omitir, para obliterar. Mas a poesia, o poder da linguagem para reestabelecer: era isto que Athos e Kostas estavam tentando me ensinar.” (MICHAELS, 2009, posição 983, tradução nossa).¹¹ É como se a expressão em palavras e pela arte dos acontecimentos vividos e do sofrimento que eles representaram fosse a única saída para que a vida (de Jakob, de Athos, da comunidade) continuasse.

A língua está, portanto, profundamente ligada à memória coletiva de uma comunidade e fornece aos sujeitos que a compõe uma determinada maneira de enxergar e de criar imagens a partir do que os cerca. Isto também é verdade para o espaço em que esta comunidade convive: “quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus atos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores” (HALBWACHS, 1990, p. 143).

O espaço é peça fundamental da narrativa aqui analisada. Os vários deslocamentos, voluntários ou não, marcam as trajetórias dos personagens e geram conflitos ou reencontros. A ilha de Zakynthos, por exemplo, é de essencial importância neste sentido. O pai de Athos era grego e vivia nesta ilha, de onde se mudara com a família para trabalhar. Tendo sofrido várias perdas após esta mudança, encara-as como castigo pelo abandono da terra de seus antepassados e retorna com Athos, único membro restante de sua família, para o lugar de onde, acredita, não deveria ter saído. É para lá também que retornam Jakob (após a morte de seu protetor) e Ben (após a morte de Jakob). É nesta ilha, também, que está impressa a história dos antepassados de Athos, história que, já dissemos anteriormente, o arqueólogo oferece ao menino que resgatou. O sentimento de pertencimento a uma terra também faz parte, como o idioma falado, da integração à comunidade; em uma das passagens, Athos diz: “Jakob, tente ser enterrado em um chão que vá se lembrar de você.” (MICHAELS, 2009, posição 953,

¹⁰ When he returned, Athos went to his desk and wrote down what Ioannis had told us.

¹¹ I already knew the power of language to destroy, to omit, to obliterate. But poetry, the power of language to restore: this was what both Athos and Kostas were trying to teach me.

tradução nossa).¹² Assim, os espaços físicos e a natureza são também agentes na construção de relações e na vivência de experiências em *Fugitive Pieces*:

Michaels cria um pastoral traumático no qual tanto a natureza quanto os humanos são vítimas e testemunhas da catástrofe. Ela também procura redefinir os termos de uma elegia, expandindo-a para o alcance de um romance e alterando-a para acomodar o trauma do Holocausto.” (COFFEY apud KEYSABYL, 2011, p. 28, trad. nossa).

13

Exemplo da presença desta dupla violência, contra os homens e contra a natureza, está no seguinte trecho, narrado por Jakob: “Eu fiquei de pé diante dos vales e imaginei o luto das colinas. Eu senti meu próprio luto expressado ali” (MICHAELS, 2009, posição 737, tradução nossa)¹⁴. A própria natureza, as pedras, o clima, se tornam estabilizadores de memória: “A memória humana é inscrita em correntes de ar e sedimentos de rios” (MICHAELS, 2009, posição 678, tradução nossa)¹⁵. Tornam-se, também, como veremos no tópico seguinte, resistência contra o esquecimento.

TRAUMA, ESQUECIMENTO E PÓS-MEMÓRIA

A questão do esquecimento também está associada ao tema da memória. O cuidado de Athos com a manutenção dos costumes e da língua materna de Jakob é um dos sinais de combate ao esquecimento como força negativa de destruição de identidade que notamos na narrativa, mas há muitos outros. Sobre esta angústia, diz Ricoeur: “o esquecimento é lamentado da mesma maneira que o envelhecimento ou a morte: é uma das figuras do inevitável, do irreparável.” (RICOEUR, 2000, p. 553, tradução nossa).¹⁶

A consciência da inevitabilidade deste esquecimento é aterrorizante para os sobreviventes da Shoah. Como garantir que todos serão lembrados, que todos serão respeitados e não desaparecerão no obscuro esquecimento histórico? Um sobrevivente sente o peso da responsabilidade

¹² Jakob, try to be buried in ground that will remember you.

¹³ Michaels creates a traumatic pastoral in which both nature and humans are victims and witnesses of catastrophe. She also seeks to redefine the terms of elegy, expanding it to the scope of a novel and altering it to accommodate the trauma of the Holocaust.

¹⁴ I stood in the valleys and imagined the grief of the hills. I felt my own grief expressed there.

¹⁵ Human memory is encoded in air currents and river sediment.

¹⁶ L’oubli est déploré au même titre que le vieillissement ou la mort: c’est une des figures de l’inéluctable, de l’irrémediable.

de guardar uma memória que não é só sua: “Como pode um homem carregar as memórias de mesmo um outro homem, quanto mais de cinco, ou dez ou mil ou dez mil; como eles podem ser santificados, cada um deles?” (MICHAELS, 2009, posição 665, tradução nossa).¹⁷

Para além das vidas humanas, o regime nazista quis dizimar a memória de um povo, apagá-lo como grupo. Assim como fizeram os colonizadores da América, que construíram edifícios por cima dos lugares sagrados das comunidades que ali habitavam, os alemães se apropriaram de lugares importantes para as pessoas dos lugares que invadiram. Em *Fugitive Pieces*, há especial atenção para o sítio arqueológico de Biskupin, na Polônia, cuja existência era uma das provas que invalidavam a reescrita da história e da origem da vida humana feita pelos nazistas.

É nesse sítio arqueológico que Athos encontra Jakob. O menino havia se escondido na floresta após a invasão de sua casa, e lá permanecera por dias, se enterrando durante o dia e andando à noite. O arqueólogo hesita, sem reconhecer inicialmente o menino como humano. Integrado à terra e à floresta, ele parecia ser mais uma das peças arqueológicas do sítio. Depois do encontro, Athos esconde a criança dentro de sua roupa e foge com ele até a Grécia. O que acontece em seguida com Biskupin é narrado por Jakob: “Eles queimaram registros e relíquias. Demoliram as fortificações antigas e casas que haviam resistido por milênios. E então eles mataram cinco colegas de Athos na floresta ao redor.” (MICHAELS, 2009, posição 649, tradução nossa).¹⁸

Para Ricoeur (2000, p. 579, tradução nossa), “pode-se sempre contar de outra maneira, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da ação.”¹⁹ O que aconteceu em Biskupin é um exemplo desta tentativa do povo dominador de tentar contar a história de outra maneira, à sua maneira. Aqui não se trata de esquecimento espontâneo, ou advindo de um trauma pessoal. Há um governo institucionalizado, preocupado com os discursos que formam as ideologias no meio social, que conscientemente deflagra um processo de apagamento de traços e marcas de um passado que não lhe convém. Os alemães acreditaram que, destruindo as peças daquele sítio,

¹⁷ How can one man take on the memories of even one other man, let alone five or ten or a thousand or ten thousand; how can they be sanctified each?

¹⁸They burned records and relics. They demolished the ancient fortifications and houses that had withstood millenia. Then they shot five of Athos' colleagues in the surrounding forest.

¹⁹ on peut toujours raconter autrement, en supprimant, en déplaçant les accents d'importance, en refigurant différemment les protagonistes de l'action en même temps que les contours de l'action.

destruiriam a memória dos que delas descendiam. Fizeram como muitos outros sistemas dominantes, como afirma Ahn Hua:

Tornar-se o mestre da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, grupos e indivíduos que dominaram e continuam a dominar as sociedades históricas. As coisas esquecidas ou não mencionadas pela história revelam estes mecanismos para a manipulação da memória coletiva. (ANH HUA, 2005, tradução nossa).²⁰

Mas há sempre resistência. Já demos o exemplo da transformação forçada de *meios de memória* em *lugares de memória*, e este é também um movimento de combate ao esquecimento. No romance que aqui analisamos, o narrador Jakob Beer fala das placas que vê na estrada: “No meio de um campo de terra recém arada, nada em lugar nenhum, você descobre que alguém colocou uma placa: ‘Isto era Kandanos’. ‘Isto era Skines’²¹.” (MICHAELS, 2009, posição 864, tradução nossa). Os lugares não mais existem, eram vilas e povoados que foram invadidos e destruídos e cuja população provavelmente pereceu quase toda durante a guerra. Mas há alguém que marcou sua existência como forma de resistir e de se fazer lembrar.

Há também uma resistência de certa maneira física ou espacial que se impõe contra o esquecimento, ou contra o apagamento oficializado pelas autoridades. Diz Jakob: “Eu aprendi o poder que damos às pedras de guardar o tempo humano. [...] As lápides destruídas dos cemitérios hebraicos e reutilizadas em calçadas polonesas; hoje, cidadãos entediados, encarando seus pés enquanto esperam o ônibus, podem ainda ler as inscrições.” (MICHAELS, 2009, posição 415, tradução nossa).²² Ao destruir solo sagrado de cemitérios e usá-los como pavimento das calçadas, os soldados tinham uma mensagem clara de demonstração de poder e de submissão do outro. Mas aquelas pedras se tornaram guardiãs da memória coletiva, e até o

²⁰ To make themselves the masters of memory and forgetfulness is one of the great preoccupations of the classes, groups, and individuals who have dominated and continue to dominate historical societies. The things forgotten or not mentioned by history reveal these mechanisms for the manipulation of collective memory.

²¹ In the middle of a field of freshly ploughed earth, nothing anywhere, you’ll find someone has put a sign: ‘This was Kandanos’. ‘This was Skines’

²² I learned the power we give to stones to hold human time. [...] The tombstones smashed in Hebrew cemeteries and plundered for Polish sidewalks; today bored citizens, staring at their feet while waiting for the bus, can still read the inscriptions.

presente momento encaram de frente o cidadão comum que, desavisado, poderia passar por aquele local sem se dar conta do que ali se passou.

Anne Michaels declara *Fugitive Pieces* como ficcional. Apesar de ter sido fruto, também, de pesquisa histórica e documental, seu conteúdo não tem, portanto, compromisso com a realidade. E, no entanto, tudo em sua leitura aponta para uma literatura de testemunho. Gênero este, inclusive, que, não raro, causa desconforto no que tange a apuração dos fatos e a verossimilhança do que se diz. Seu testemunho, no entanto, não é de um sujeito único, mas de um outro coletivo. É a tentativa de recuperação de uma memória que, a princípio, não seria sua, mas sobre a qual Michaels pode testemunhar através da criação artística e graças a esta característica coletiva que, já defendemos aqui, atinge toda memória.

Seligmann-Silva (2001, p.46) diz: “O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade”: a necessidade de narrar o que se viveu, e a impossibilidade de encontrar palavras para traduzi-lo. Jakob passa anos antes de conseguir começar a escrever sobre os fatos que marcaram sua vida.

Primo Levi (apud Seligmann-Silva, 2001, p. 51) assinala a dificuldade em narrar o que se passou nos campos de concentração, e conclui que talvez somente aqueles que não vivenciaram a parte mais terrível do holocausto foram capazes de escrever testemunhos: “A história do Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam o seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão”. Para Jakob, que se escondia atrás de um armário por brincadeira no momento em que sua família foi atacada, esse afastamento necessário existiu, e foi ampliado, como já dito, pelo uso da língua inglesa no seu relato. Diz ele: “eu não testemunhei os eventos mais importantes da minha vida” (MICHAELS, 2009, posição 233, tradução nossa).²³

Ainda sobre o testemunho, Primo Levi (apud Seligmann-Silva, 2001, p. 53) diz que “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso violento e imediato até o ponto de competir com outras necessidades elementares”. Ele se referia principalmente à vivência e ao trauma dos Lager, mas acreditamos que mesmo os personagens que não eram judeus mas viveram a realidade de ocupação pelos alemães sentiram esta mesma necessidade.

Há um momento na narrativa em que Athos e Jakob, depois da libertação, vão a Atenas encontrar um casal amigo de Athos que ele não via

²³ I did not witness the most important events of my life.

desde o começo da Guerra. O primeiro dia de encontro é dominado pela fúria dos relatos, todos contam tudo que ouviram e que viveram. Jakob comenta na sua narrativa: “Eles falaram como se tudo tivesse que ser dito em um único dia. (MICHAELS, 2009, posição 759, tradução nossa).²⁴

Seligmann-Silva (2001) fala também da culpa que o trauma causa. Fala de vítimas da Shoah que, tendo sobrevivido, sentiram-se culpados em relação aos outros que não tiveram a mesma sorte. Esta culpa é recorrente no narrador Jakob. Depois de escapar do ataque à sua casa e correr para a floresta, enterra-se na lama e cobre o rosto. Só então se lembra da sua irmã, Bella. Lembra que não ouviu sua voz nem viu seu corpo ao lado dos corpos dos pais. Pela lembrança talvez atrasada, sente culpa e vergonha: “então eu senti a pior vergonha da minha vida: eu estava morrendo de fome. E, de repente, eu percebi, minha garganta ardendo sem som – Bella.” (MICHAELS, 2009, posição 163, tradução nossa).²⁵ Mais adiante, quando refletindo sobre o tempo que passou escondido na casa de Athos, na Grécia, comenta: “Enquanto eu me escondia no luxo de um quarto, milhares estavam metidos em fornos de assar, esgotos, latas de lixo. (MICHAELS, 2009, posição 578, tradução nossa).²⁶

Mas quando tratamos de eventos traumáticos, muitas vezes o único caminho possível não é o do testemunho, mas o do silêncio. “Algumas pedras são tão pesadas que somente o silêncio ajuda-nos a carregá-la.” (MICHAELS, 2009, posição 967, tradução nossa).²⁷ Talvez porque, como explica Assmann (2011, p. 277), “as palavras não incorporam o trauma nelas mesmas. Por pertencerem a todos, elas não acolhem nada de incomparável, específico ou único, muito menos a singularidade de um terror persistente.”. Este mesmo silêncio, que tantas vezes se instala quando de uma experiência traumática, de tão grave e profundo, pode deixar marcar que se estendem por gerações.

Há um momento do romance em que se fala de um dos horrores a que os judeus dos campos foram submetidos: tiveram que cavar as valas comuns, que já estavam sem espaço, e desenterrar os mortos para que seus corpos fossem incinerados. Assim se descreve a cena: “Quando os prisioneiros foram forçados a desenterrar as valas comuns, os mortos entraram neles através de seus poros e foram carregados por suas correntes

²⁴ They talked as if everything must be told in a single day.

²⁵ Then I felt the worst shame of my life: I was pierced with hunger. And suddenly I realized, my throat aching without sound - Bella

²⁶ While I hid in the luxury of a room, thousands were stuffed into baking stoves, sewers, garbage bins.

²⁷ Some stones are so heavy only silence helps you carrying them.

sanguíneas até seus cérebros e corações. E, através de seu sangue, passaram para outra geração.” (MICHAELS, 2009, posição 660, tradução nossa).²⁸

É justamente a essa outra geração, que recebe pelo sangue a presença de tantos e tantos cadáveres, que pertence o segundo narrador do texto, Ben. Ele não viveu a guerra que marcou os outros personagens, mas teve sua vida e sua convivência familiar profundamente alteradas por ela. Filho de sobreviventes de um campo de concentração, diz ter tido sua rotina marcada por um profundo e irreparável silêncio. Ele é um grande exemplo de criança e de adulto que convive com o que Hirsch (1999) escolheu chamar de pós-memória, a inevitável presença dos traumas e aflições daquilo que não se viveu. “A pós-memória é uma poderosa forma de memória precisamente porque sua conexão com seu objeto ou fonte não é mediada através de recordação, mas sim através de projeção, investimento e criação” (HIRSCH, 1999, p.8, tradução nossa).²⁹

Os pais de Ben, talvez por terem tateado o fundo do Lager, como escreve Primo Levi, não conseguem conversar com o filho sobre o que viveram, carregam a pedra do silêncio de que falamos anteriormente:

Não havia energia de uma narrativa em minha família, nem mesmo o fervor de uma elegia. Em vez disso, as nossas palavras se afastavam, como se a nossa casa estivesse aberta para os elementos e nós estivéssemos sempre sussurrando para um vento forte. Meus familiares e eu vagávamos por um silêncio úmido, de não ouvir e de não falar. (MICHAELS, 2009, posição 2358, tradução nossa).³⁰

Acontece que praticamente tudo em suas vidas reflete o que passaram. A relação que eles têm com comida, a exigência com a criança, o medo constante, etc. Ben fala que, depois de serem liberados do Lager, seus pais pararam de se relacionar com o mundo de maneira ordinária. Tudo, desde os objetos até as refeições, adquiriu um caráter extraordinário, e exigia gratidão. Uma gratidão que, como a memória traumática, termina por

²⁸ When the prisoners were forced to dig up the mass graves, the dead entered them through their pores and were carried through their bloodstreams to their brains and hearts. And through their blood into another generation.

²⁹ Postmemory is a powerful form of memory precisely because its connection to its object or source is mediated not through recollection but through projection, investment, and creation.

³⁰ There was no energy of a narrative in my family, not even the fervour of an elegy. Instead, our words drifted away, as if our home was open to the elements and we were forever whispering into a strong wind. My parents and I waded through damp silence, of not hearing and not speaking.

atravessar as gerações, o que acontece na família de Ben: “Eu cresci sendo grato por cada necessidade, por comida e bebida, pelos sapatos bem feitos do meu pai – ‘a coisa mais importante’. Eu agradecia os pelos de barba que apareciam no rosto do meu pai a cada manhã”. (MICHAELS, 2009, posição 2366, tradução nossa).³¹

A projeção das vivências dos pais apavora as crianças que vivem a pós-memória, e cria nelas certa culpa, como a culpa dos sobreviventes já discutida anteriormente. Hirsch (1999, p.9), ao falar de memória heteropática, explica: “memória heteropática (sentir e sofrer com o outro) significa, no meu entendimento, a habilidade de dizer, ‘poderia ter sido eu; fui eu, também’ e, ao mesmo tempo, ‘mas não fui eu’.” (HIRSCH, 1999, p.9, tradução nossa).³² Imaginar que tudo aquilo sofrido pelos pais e por tantos outros da família e da comunidade a que pertencem poderia muito bem acontecer com eles, causa também outro tipo de angústia: seria eu capaz de sobreviver em situação similar? Como eu poderia resistir a tudo isso? Ben reflete sobre este sentimento no seguinte trecho: “Se o meu pai pôde andar por dias, por quilômetros, então eu poderia andar ao menos até a estrada. O que aconteceria comigo se eu tivesse que andar tão longe quanto meu pai?”.³³ (MICHAELS, 2009, posição 2556, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento de angústia, o primeiro narrador de *Fugitive Pieces*, Jakob, diz: “[...] é meu corpo que lembra deles, e apesar de eu ter tentado apagar Alex dos meus sentidos, tentado expulsar os meus pais e Bella do meu sono, isso não resulta em nada, pois meu corpo me trai em um segundo”. (MICHAELS, 2009, posição 2028, tradução nossa).³⁴ Não é, portanto, com a consciência, ou pelo afeto que ele busca a família. O movimento de resgate é involuntário, visceral, corporal. Sua vida e sua trajetória demonstram a todo instante como passado, presente e futuro, na verdade, são estados que não se separam. Assim, a análise inicial que aqui

³¹ I grew up thankful for every necessity, for food and drink, for my father’s well-made shoes – ‘the most important thing.’ I was thankful for the whiskers that appeared on my father’s face each morning [...].

³² Heteropathic memory (feeling and suffering with the other) means, as I understand it, the ability to say, ‘it could have been me; it was me, also,’ and, at the same time, ‘but it was not me’.

³³ If my father could walk days, miles, then I could walk at least to the road. What would happen to me if I had to walk as far as my father had?

³⁴ [...] it is my body that remembers them, and though I have tried to erase Alex from my senses, tried to push my parents and Bella from my sleep, this will bring to nothing, for my body betrays me in a second.

apresentamos não deixa dúvidas: *Fugitive Pieces* é uma narrativa cuja problemática se constrói através do tema da memória.

As “peças em fuga” do título deste romance de Michaels são muitas, e, aparentemente, sempre ligadas a esse tema. São as partes que faltam para que os narradores Jakob e Ben completem o quebra-cabeça de suas memórias dilaceradas pelo trauma; são as peças arqueológicas das ruínas de Biskupin, violadas pelos soldados nazistas; são as peças de Beethoven, executadas continuamente por Bella e perseguidoras de Jakob por toda a sua vida; são os irmãos de Jakob e Ben, cujos destinos permanecem ocultos, mas cuja presença é forte e devastadora para aqueles que os amaram...

E se é de ficção que tratamos aqui, é também de memória coletiva. Michaels é uma autora canadense nascida em 1958 que, na linha da pós-memória, bebe na coletividade para escrever o que pode ser lido como uma literatura testemunhal de dois personagens tocados pelo horror da Segunda Guerra. Os eixos aqui discutidos (individualidade e memória coletiva; linguagem, tempo e espaço; esquecimento, trauma e pós-memória) apontaram possibilidades interessantes de análise, a nosso ver principalmente a partir da teoria relacionada com os temas memória coletiva, esquecimento e trauma. Há ainda muito o que se ver em análises posteriores, inclusive aprofundando a relação entre memória, espaço e ecologia, percebida e iniciada por nós no terceiro tópico deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HIRSCH, Marianne. *Projected memory: Holocaust Photographs in Personal and Public Fantasy*. In: BAL, M.; CREWE, J.; SPITZER, L.ed. *Acts of Memory: Cultural Recall in the Present*. Hanouver: University Press of New England, 1999.

HUA, Anh. *Diaspora and cultural memory*. In: AGNEW, Vijay, ed. *Diaspora, Memory and Identity: A Search for Home*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.p. 191-208.

KEYSABYL, Annelies. *Contemporary Female Holocaust Representations: Memory in Anne Michaels' Fugitive Pieces*. Netherlands: Ghent University Press, 2011.

MICHAELS, Anne. *Fugitive Pieces*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2009. Kindle Version.

NORA, Pierre. Entre memória e história. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC, São Paulo*, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. *La Mémoire, L'histoire, L'oubli*. Paris: Le Seuil, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Apresentação da questão do trauma*. In: Idem (Org.). *História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

Data de recebimento: 30 de junho de 2017

Data de aprovação: 7 de dezembro de 2017